

IMPORTA O CORPO PARA A GEOGRAFIA? UMA INTERPRETAÇÃO DO DEBATE CORPORIFICADO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA NO PARÁ

DOES THE BODY MATTER TO GEOGRAPHY? AN INTERPRETATION OF THE EMBODIED DEBATE IN TEACHER TRAINING IN GEOGRAPHY IN PARÁ

IMPORTE LE CORPS POUR LA GÉOGRAPHIE? UNE INTERPRÉTATION DU DÉBAT INCARNÉ DANS LA FORMATION DES ENSEIGNANTS EN GÉOGRAPHIE DANS LE PARÁ

Pedro Israel Mota Pinto

Universidade Federal do Paraná, Pós-Graduação em Geografia

pedromota777@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8812-693X>

Cíntia Cristina Lisboa da Silva

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Pós-Graduação em Geografia

cintia.slisboa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8972-144X>

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

Instituto Federal do Pará, Campus Belém,

wallace.pantoja@ifpa.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-5605-2171>

RESUMO

A Geografia de Gênero e Sexualidades se afirmar no Brasil, porém, com diferentes inserções regionais. Objetivamos promover o desenvolvimento de uma metodologia de gênero e sexualidades no Ensino de Geografia, campo altamente contestado para tal processo no cenário brasileiro atual, mesmo quando se tratado do ensino superior. Realizamos um levantamento bibliométrico sumário da produção científica focada na tríade “ensino de geografia, questões de gênero e sexualidades”, revelando a ausência de produção sistemática (27 artigos de 30 mil no Banco de dados do Observatório da Geografia Brasileira). Tal fragilidade se torna mais evidente na Amazônia Paraense. O que impulsionou a intervenção teórico-metodológica de oficina de criação de manchetes e entrevistas com graduandas/os de Licenciatura em Geografia em Belém do Pará. Como conclusão notamos a necessidade das/os graduandas/os em lidar com tais experiências, pois constatam que é uma emergência no contexto escolar para a qual não estão preparadas/os teórica, metodológica e eticamente, uma Geografia Corporificada su-focada em seu cotidiano como professores em formação.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Gênero; Sexualidade; Geografia Encarnada; Corporalidades.

ABSTRACT

The Geography of Gender and Sexualities asserts itself in Brazil, however, with different regional insertions. We aim to promote the development of a methodology of gender and sexualities in Geography Teaching, a highly contested field for such a process in the current Brazilian scenario, even when it comes to higher education. We conducted a summary bibliometric survey

of scientific production that was centered on the triad of "teaching geography, gender issues, and sexualities", revealing the absence of systematic production (27 articles out of 30 thousand in the Brazilian Geography Observatory Database). This fragility is more evident in the Amazon of Pará, which drove the theoretical-methodological intervention of a headline creation workshop and interviews with undergraduate Geography students in Belém do Pará. It is possible to conclude that it is noticeable the need for undergraduate students to deal with such experiences, as they realize that it is an emergency in the school context for which they are not prepared theoretically, methodologically and ethically, an Embodied Geography suffocated in their daily lives as teachers in training.

Key Words: Geography Teaching; Gender; Sexualities; Incarnate Geography; Corporality.

RÉSUMÉ

La géographie des genres et des sexualités s'affirme désormais au Brésil, mais avec différentes insertions régionales. Nous visons à promouvoir le développement d'une méthodologie de genre et de sexualité dans l'enseignement de la géographie, domaine très contesté pour un tel processus dans le scénario brésilien actuel, même lorsqu'il s'agit de l'enseignement supérieur. Nous avons réalisé une enquête bibliométrique sommaire de la production scientifique axée sur la triade "enseignement de la géographie, des questions de genre et de sexualité", révélant l'absence de production systématique (27 articles sur 30000 dans la Base de données de l'Observatoire de la géographie brésilienne). Cette fragilité devient plus évidente en Amazonie Paraense. Ce qui a stimulé l'intervention théorique et méthodologique de l'atelier de création de titres et d'interviews avec des diplômés / diplômés en géographie à Belém do Pará. Comme conclusion, nous notons la nécessité pour les étudiants/diplômés de traiter de telles expériences, car ils constatent qu'il s'agit d'une urgence dans le contexte scolaire pour lequel ils ne sont pas préparés/les théoriques, méthodologiques et éthiques, une géographie incarnée étouffée dans sa vie quotidienne en tant qu'enseignants en formation.

Mots-clés: Enseignement de la géographie; Genre; Sexualité; Géographie incarnée; Corporalités.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, optamos por refletir acerca das questões de gênero e sexualidade que atravessam a formação docente no ensino de Geografia e correlatas metodologias de abordagem. Objetivamos promover esse debate pela necessidade de instituir¹ uma metodologia de gênero e sexualidade na formação de docentes do ensino de Geografia, promovida por uma instituição pública do Pará, compreendendo as problemáticas violentas acarretadas pela ausência dessa reflexão em espaços educativos e de formação pessoal e profissional.

Alexandre Bortolini (2020) e Carlos Moreira (2020) traçam discussões acerca da presença do gênero e da sexualidade como possibilidades de educação que pautem a urgência de se

1 Instituir em sentido proposto por Merleau-Ponty (2012), provocar um ser vertical entre nós e mundo, neste caso, o "nós" é toda a comunidade inexistida no plano do ensino de geografia "desencarnado", onde mentes disponíveis para aprender "raciocínios geográficos" parecem não possuir corpos e experiências densas de existência e subjetivação.

observar as lacunas e adoecimentos que a “educação sexista, heterossexista e nociva” (Bortolini, 2020) refletem em educandas e educandos, seja do ensino básico ou do superior. Assim, os pesquisadores em questão, ao compreender como a ausência desse ensino por vezes os adoeceram, passaram a se questionar: de que maneira a formação docente enfrenta as noções de gênero e sexualidade nos espaços escolares?

Necessário confrontar a formação docente no que se refere às problemáticas do ensino ideológico de gênero que se encontram nas escolas desde os primórdios da construção da educação tradicional. Isto é, ideologia que “produz uma escola transfóbica, que não só negligencia a proteção de crianças e adolescentes, como é ela mesma vetor de violência, discriminação e exclusão” (Bortolini, 2020, p. 29). Processo violento para estudantes que vivenciam o não encaixe na sociedade heteronormativa, a partir de um espaço que se torna excludente e reproduzir de dinâmicas nocivas inerentes ao processo educativo Lgbtfóbico.

Nossos corpos são orientados também pelas nossas orientações sexuais (Ahmed, 2006). Em outras palavras, de acordo com nossas performances sexuais (Butler, 2018), nos movimentamos geograficamente por zonas de segurança e zonas de perigo, conforme nos sentimos confortáveis ou não com dadas performances, modos de estar e ser em certos espaços, provocados por vertigens em corpos que vacilam ao adentrar em espaços, mesmo oficialmente públicos, que nos desorientam/distanciam como acentua Sara Ahmed (2006, p. 166): “Disorientation involves contact with things, but a contact in which ‘things’ slip as a proximity that does not hold things in place, thereby creating a reeling of distance”.

A sexualidade é um dispositivo histórico, uma ideologia concebida na diferenciação e sobreposição de um gênero por outro, fomentado a partir do século XIX, que objetiva dominar o corpo e o sentimento de desejo (Foucault, 1984). Este dispositivo é apreendido na concepção foucaultiana de biopolítica, isto é, um diagrama de poder que gere a população, que ao se relacionar com a sexualidade, se torna o então biopoder. Assim como para Sara Ahmed (2006), este dispositivo espacializa os corpos conforme a sua performatividade de gênero e sexualidade, e para grupos incisivamente marginalizados, esta espacialidade se constrói com violência e com o sentimento de não pertencimento aos espaços.

Em uma escola isso se torna ainda mais nocivo.

A “ideologia” sexista, refletida no biopoder, define e ensina possibilidades distintas e limitadas a depender do sexo (Bortolini, 2020). Nas escolas esse biopoder é refletido através do ensinamento:

[ensinam] meninos a não expressarem seus sentimentos, a não exporem as suas fragilidades, sob pena de terem a sua “masculinidade” questionada. A agressividade se torna então a única forma possível de extravasar suas ansiedades, suas frustrações, suas inseguranças (Bortolini, 2020, p. 25).

O que se espera de uma performatividade de homem ou de mulher é a materialidade de suas expressões sentimentais conforme aquilo que seu gênero exige publicamente. Para mulheres, a sensibilidade, e para homens, a dureza. Esse fator social é empregado em espaços comuns aos gêneros, como a escola, a universidade, e no espaço comum, esses corpos conflituam, criando então suas redomas de expressões, sejam elas de acolhimento ou de violência. Para meninos, por exemplo, quanto mais expressarem a dureza de um “homem”, assim serão respeitados.

Dessa maneira, entendemos que a reflexão acerca do gênero e sexualidade como abordagem de ensino, sobretudo na Geografia, se expressa através dos estudos de violência inerentes e posteriores ao processo formativos, no plano da vida e do trabalho.

Ao adentrar na relação entre formação dos corpos no espaço e dados de violência urbana, por exemplo, encontramos os vestígios de uma construção sexista, moldadora de masculinidades violentas (Pinto, 2022). Ora, na educação, como pontua Carlos Moreira (2020), essa deficiência é o reflexo de uma educação geográfica ainda no armário, parafraseando a expressão de não exposição de sexualidade de pessoas LGBTQ+ ainda presas no construto social.

Enfrentando tais questões/lacunas/desorientações, buscamos, na primeira seção, uma revisão bibliográfica acerca da discussão dessa temática já produzida por outros autores que fundamentem a relação entre gênero, sexualidade e ensino de Geografia enquanto abordagem. Posteriormente, se fez pertinente uma primeira busca bibliométrica no Observatório da Geografia Brasileira acerca das produções científicas que tivessem em seu conteúdo os descritores principais de *gênero*, *sexualidade*, *ensino* e *geografia*, para configurar o quanto de produção já fora elaborada dentro dessa triangulação temática.

Na segunda seção, conciliamos a imersão acerca do debate de gênero e sexualidade no ensino de Geografia com uma turma de oitavo semestre em Licenciatura Plena em Geografia, no Instituto Federal do Pará (IFPA), fazendo parte também do processo de aprendizado da Especialização em Ensino de Geografia, pela mesma instituição, sendo o campus localizado na cidade de Belém, com a produção de um questionário avaliativo e propositivo quanto a abordagem feita. O diálogo com o campo “Geografia do Gênero e Sexualidades” e sua relação com

os produtos construídos em sala pelos/as graduandos/as nos provocam a interpretação de uma linha de raciocínio prática quanto a necessidade deste processo na formação docente.

Já na terceira seção, trazemos produtos e relações a partir da experiência do estágio em docência em sala de aula, onde o debate de gênero e sexualidades foi refletido e praticado pelas sujeitas e sujeitos no curso de Licenciatura em Geografia. Por fim, na última seção, nos detemos sobre o papel das instituições de ensino superior – notadamente em contexto amazônico – como potências para a transformação via ensino e ciência, em especial no que tange a necessidade de corporificar suas práticas.

METODOLOGIA

Partimos de uma proposição teórico-metodológica encarnada, conforme Joseli Silva (2009). Propomos uma produção científica que tenha, além da teoria, uma característica corporificada a partir da vivência das pessoas que produzem este trabalho, sendo assim, utilizamos da escrevivência, sendo um conceito e uma metodologia criada pela autora Conceição Evaristo (2017; 2020). Ademais, se espelhando também em nossas escritas, optamos por expor além do sobrenome das nossas referências, também os seus nomes, afim de evocar mais explicitamente e singularmente aquele ou aquela que fala.

Dito isso, este artigo apresenta uma escrita em primeira pessoa, ora em uma relação plural, apresentada a partir do ‘nós’, ora de modo singular, via experiências concretas dos ‘eu’s que fazem parte deste trabalho. Por fim, a escrita a partir da escrevivência também se apresenta em um pensamento que não é imparcial e neutro. Para alcançar o objetivo aqui proposto, recorreremos ao Observatório da Geografia Brasileira (OGB), onde estão catalogados 30.720 artigos no banco de dados, entre 1939 e 2021, que congrega 98 periódicos da geografia brasileira, classificados pelo Qualis 2013-2016².

A busca foi feita no dia 18 de setembro de 2023, em títulos dos artigos que continham a relação aqui almejada, com informações catalogadas entre 1939 e 2021. As atualizações de 2022 s 2023 ainda não haviam sido incorporadas ao OGB no momento do levantamento para este trabalho, portanto, trabalhos focados em ensino de geografia, gênero e sexualidade do período mais recente não compõe os dados apresentados.

2 Ou seja, nos estratos A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5 de avaliação do Sistema Qualis-Capes.

Em um primeiro momento, a partir de termos como: gênero, sexualidade e ensino de geografia, obtivemos um resultado de 775 artigos que possuam um ou mais dos termos em seus títulos. Um relatório geral com informações que continham o título, resumo, autoria, origem institucional da autoria, gênero e ano, foi criado com esses 775 artigos iniciais, após uma desagregação focada na proposta aqui desenvolvida, 27 artigos permaneceram contendo a relação “ensino de geografia, gênero e sexualidade” no título.

Os demais 748 artigos que possuíam as palavras ‘gênero’, ‘sexualidade’ e ‘ensino de geografia’ em seus títulos não apresentavam uma relação entre os termos. Sendo trabalhos que discutiam o ensino de geografia a partir dos aspectos físicos, biogeográficos, cartográficos; por vezes, a palavra gênero aparece ligada a termos biológicos, enquanto a discussão de sexualidade era apresentada com outras ligações, em especial a partir de práticas urbanas, pontos estes que não dizem respeito à proposta aqui assumida..

Os 27 trabalhos que compartilhavam a relação do ensino de geografia com temáticas corporificadas, a partir do gênero e da sexualidade, foram sistematizados por pelos indicadores: ano de publicação, revista, qualis, tema, instituição da primeira autoria e gênero na primeira autoria, conforme apresentamos na figura 01.

A	B	C	D	E	F	G	H
TÍTULO	ANO	REVISTA	QUALIS	INSTITUIÇÃO	TEMA	AUTORIA	G1
1 DIVERSIDADE SEXUAL E LGBTFOBIA NA	2018	Geonexões	A3	IFRN	Corporalidades e espaço escolar	Jean Claude de Souza Gomes	M
2 ESSAS QUESTÕES NO CURRÍCULO DA LIC	2018	Para Onde??	A4	UFRGS	Ensino e currículo	Claudia Maliszewski Esconto	F
3 QUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA TRAN	2016	GEOCONEXÕES	A3	UFRR	Corporalidades e espaço escolar	José Carlos de Lima Moura	M
4 COLAR: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA DO	2017	Revista Presença Geográfica	A3	UNIR	Corporalidades e espaço escolar	Telma Ferreira da Silva	F
5				Secretaria de Estado da Educação de São Paulo			
6 tranhos: narrativas ficcionais das homossexuali	2010	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4		Ensino e experiências didáticas	Eder Rodrigues Prouença	M
7 Corpos que Escapam ao Processo de Re/Produçã	2017	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	UNESPAR	Corporalidades e espaço escolar	Isaias Batista de Oliveira Júnior	M
8 do do Debate de Gênero na Geografia do Ensino	2011	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	UFG	Ensino e currículo	Carmem Lúcia Costa	F
9 a Metodologia Ativa para a Abordagem das Que	2017	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	Instituto Politécnico do Porto	Ensino e experiências didáticas	Sofia Veiga	F
10 desenho animado no espaço escolar: um estudo	2016	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	Prefeitura Municipal de Londrina	Ensino e experiências didáticas	Juliana Lopes Garcia	F
11 Sexualidade em Casa, na Escola e na Vida	2014	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	UNEB	Corporalidades e espaço escolar	Cleide Pereira Oliveira	F
12 no no Espaço Escolar: Um Debate com Base na Pr	2018	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	Colégio Pedro II	Ensino e formação docente	Leandro Teófilo de Brito	M
13 rafia da Escola: uma abordagem interseccional d	2016	Terra Livre	A2	UFG	Ensino e formação docente	Alex Prudêncio Ratts	M
14 IDENTIDADES DE GÊNEROS E SEXUALIDADA	2018	Revista da ANPEGE	A1	UFMS	Corporalidades e espaço escolar	Benhur Pinós da Costa	M
15 DE GEOGRAFIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO	2016	Revista Brasileira de Educação em Geografia	A2	UFScar	Ensino e currículo	Glauber Barros Alves Costa	M
16 Míticas Educacionais do Estado da Paraíba: (Des)	2017	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	UFPB	Ensino e currículo	Rafael Ferreira de Souza Honorato	M
17 nero e Sexualidade na Formação Inicial de Profe	2017	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	UFG	Ensino e formação docente	Ruan Pinheiro do Nascimento Faria	M
18 AÇÃO DOCENTE E A DISCIPLINA DE GEO	2017	Geografia Ensino & Pesquisa	B2	UFAL	Ensino e formação docente	Jacqueline Praxedes Almeida	F
19 gênero no contexto escolar: percepções de orien	2019	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	Universidade do Planalto Catarinense	Ensino e currículo	Mareli Ellane Graupe	F
20 ENERO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAP	2019	Revista Brasileira de Educação em Geografia	A2	UNEB	Ensino e currículo	Glauber Barros Alves Costa	M
21 e escola do campo: o lugar da atuação docente	2020	Revista Campo-Território	A2	UERN	Corporalidades e espaço escolar	Vânia Maria Pessoa Rodrigues	F
22 des de gênero no ensino: uma análise da Revista	2020	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero	A4	UFSC	Ensino e epistemologia	Amábili Fraga	F
23 ia com alunos de ensino fundamental e médio	2020	AR – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de	B1	UFSC	Ensino e experiências didáticas	João Lucca Miotto Mujica	M
24 tional Comum Curricular e sexualidade: crítica e	2020	AR – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de	B1	UFSC	Ensino e currículo	Mateus Testoni Carvalho	M
25 OCIAIS GÊNERO E RAÇA NA GEOGRAFIA D	2019	Geographia Meridionalis	A3	UFF	Ensino e currículo	Suyanne Catarina Lourenço de Azevedo	F
26 TES NO ESPAÇO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS	2020	Revista Presença Geográfica	A3	UNIR	Ensino e experiências didáticas	Rogério Nogueira de Mesquita	M
27 Qualidade por docentes de geografia na educação	2021	Revista de Geografia	A2	PUC-PR	Ensino e experiências didáticas	Murilo Noli da Fonseca	M
28 UM CURRICULAR: discussões de gênero, sexu	2021	Espaço em Revista	A4	UNESP	Ensino e currículo	Maria Aline dos Santos	F

Figura 01: Aspectos metodológicos da análise bibliométrica sobre ensino de geografia e sua relação com gênero e sexualidade. **Fonte:** Observatório da Geografia Brasileira, 2021. **Organização:** Silva, 2023.

A imersão acerca do debate de gênero e sexualidade no ensino de Geografia foi provocada a turma do oitavo semestre em Licenciatura Plena em Geografia, no Instituto Federal do Pará (IFPA), entre os meses de setembro e dezembro de 2022, campus localizado na cidade de

Belém. A experiência coletiva foi avaliada pelas/os sujeitas/os com a produção de um questionário avaliativo e propositivo quanto a abordagem feita. Além dos produtos construídos por elas/elas em diálogo acerca da temática, o que evidenciou uma linha de raciocínio prática quanto a necessidade deste processo na formação docente protagonizada pelas/os futuras/os profissionais da educação.

Por fim, para provocar estudantes de Geografia enquanto pensadores do ensino e projetando um futuro que pautasse uma realidade mais positiva dentro das questões de gênero, sexualidade e ensino, foi solicitado a construção de uma espécie de “Jornal do Futuro”, a construção de manchete que noticiasse um futuro ideal com base em ações construídas ao longo de dez anos, com resultados expostos nesse estudo que corroboram e problematizam nossas discussões.

Acerca do formulário, foram elencadas 17 perguntas ou direcionamentos de descrições, separadas em três seções, tendo como respondentes 10 graduandas/os. Nessa turma operou-se um circuito de debates imersivos sobre corpo e ensino, cujo os participantes puderam qualificar suas respostas com falas que versavam sobre suas experiências de vida e perspectivas para a Geografia. As manchetes revelam alguns aspectos da subjetividade individual – em relação à subjetividade social – dos discentes. Neste sentido, entende-se a corporificação da Geografia enquanto uma necessidade observada no processo de formação geográfica para futuros professores que ocupam um espaço de privilégio na sociedade: o da formação de indivíduos que instituem suas comunidades.

Gênero, sexualidade e ensino de geografia nas produções científicas

Apresentamos os dados utilizando a estratégia Público alvo, Intencionalidade e Contexto (PICO) (Santos; Pimenta; Nobre, 2007), que concerne na formulação de uma pergunta chave baseada no *público alvo* (estudantes do último semestre da licenciatura em geografia), na *intencionalidade* (ensino e sua relação com gênero e sexualidade) e no *contexto* (formação em geografia). Para esta pesquisa, configurou questionar quais as evidências científicas de gênero e sexualidade no ensino de geografia?

Dos 27 artigos selecionados no OGB, em diálogo com a produção sobre a temática em foco, algumas relações emergem como suporte desta pesquisa.

Ano

Quantidade

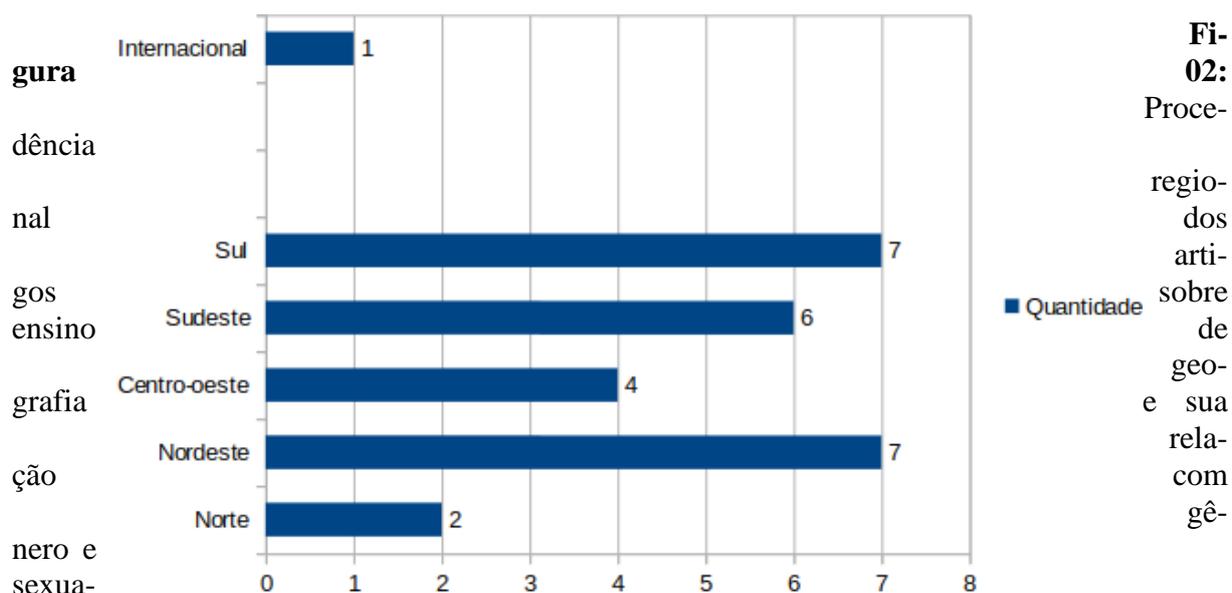
2010	1
2011	1
2014	1
2016	4
2017	6
2018	4
2019	3
2020	5
2021	2

Tabela 01: Artigos científicos publicado na geografia sobre ensino de geografia e as questões de gênero e sexualidade. **Fonte:** Observatório da Geografia Brasileira, 2021. **Organização:** Silva, 2023.

De acordo com Tamires Cesar e Vagner Pinto (2015) ao analisarem a produção intelectual da geografia brasileira entorno das temáticas em foco, indicam que é na virada do século XXI que assuntos considerados dissidentes, a exemplo de gênero e sexualidade, bem como aspectos decoloniais, raciais e geracionais, ganham um espaço para publicação, ainda que seja à margem da produção científica nacional.

Como podemos observar, a primeira publicação entre artigos na geografia brasileira sobre ensino de geografia e as questões de gênero e sexualidades data dos anos de 2010, tendo um crescimento entre os anos de 2016 e 2018, retornando com 5 publicações no ano de 2020.

Observamos que o número de produções acerca do ensino de geografia e as questões de gênero e sexualidade são reveladores das lacunas deste debate, em especial na Amazônia, quando cotejamos regionalmente os artigos. Identificamos o Sul e o Nordeste como as regiões que mais produzem (7 artigos). No que diz respeito à Região Norte, figurativa da Amazônia Brasileira, apenas 2 artigos foram produzidos no período levantado. Já o centro-oeste apresentou 4 artigos, enquanto o Sudeste 6 artigos, além de uma produção internacional, vinda de Portugal.



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2021. Organização: Silva, 2023.

Tal resultado reafirma a importância de pensarmos o ensino geográfico e sua prática corporificada, no que tange à Região Norte e a Amazônia. Assim, promover esse debate no curso de pós-graduação de Especialização em Ensino de Geografia e Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal do Estado do Pará se torna um resultado prático de aflições encontradas pelas ausências – e suas intencionalidades quase nunca confessadas – na geografia nortista brasileira.

Como geógrafo em formação, em processos de pós-graduação, sinto que assuntos e narrativas que pautam o gênero e a sexualidade enquanto método, me foram negados e por vezes me cercaram novamente a um espaço de silêncio, limitado, que cercava, de algum modo, o processo de criação, desenvolvimento pessoal e profissional, e de experiência que podiam ter sido proporcionada pelo diálogo de relações entre as rígidas regras de poder que meu gênero deveria implementar, e sobretudo, pelas doutrinas violentas que meu corpo precisou passar para se enquadrar em um mundo perverso com quem transgride o padrão heteronormativo (Graduando, homem cis, bissexual, 24 anos de idade, entrevista realizada em: 07 de dezembro de 2022).

Permitindo o escoamento do pensamento das e dos sujeitos ativos dessa pesquisa, o trecho da entrevista é revelador da ausência desse debate na formação docente no Pará e, ousamos extrapolar, em grande parte de região Norte, bem como uma série de “fraturas de formação geográfica” que se traduzem em dinâmicas vividas na carne.

Cotejamos a produção sobre ensino de geografia e as questões de gênero e sexualidades em termos, origem ligada aos periódicos que possibilitaram tais publicações, além da temática abordada nos artigos (Figuras 3 e 4):

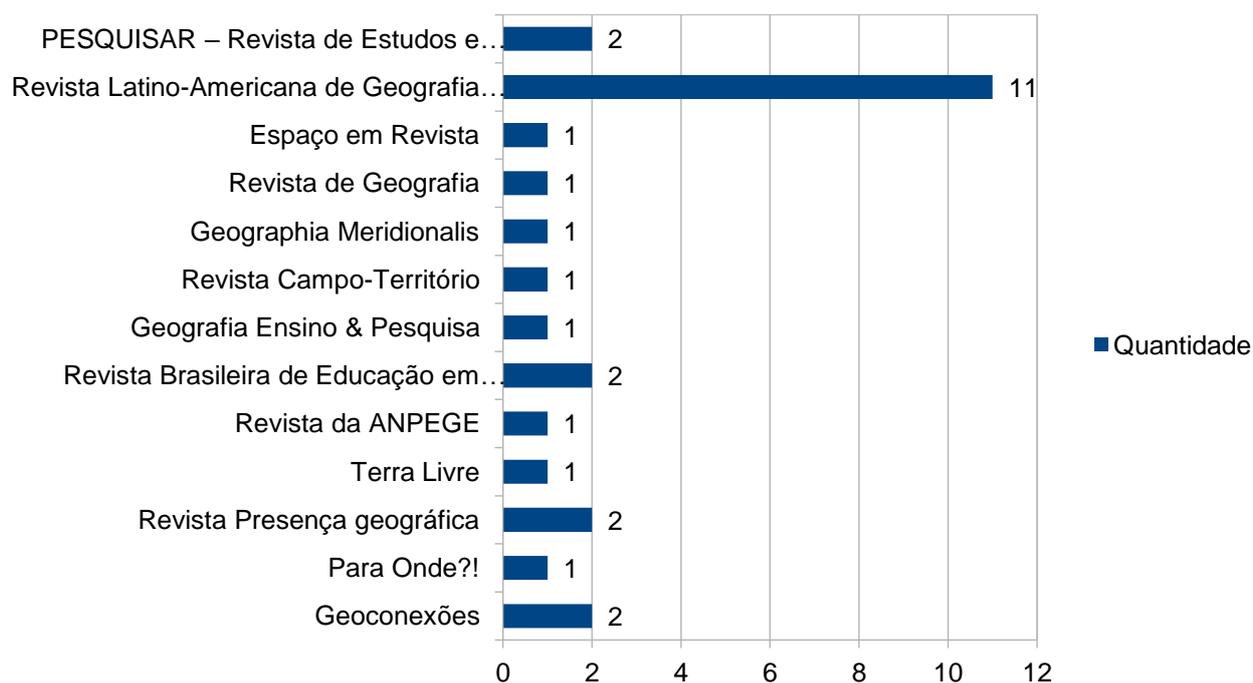


Figura 03: Periódicos que publicaram sobre ensino de geografia e sua relação com gênero e sexualidade. **Fonte:** Observatório da Geografia Brasileira, 2021. **Organização:** Própria.

A partir do exposto indicamos que a *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, foi a que mais publicou artigos sobre a temática, sendo 11 de 27, ou seja, 41% de toda a produção. O próprio nome do periódico indica seu comprometimento explícito com o debate.

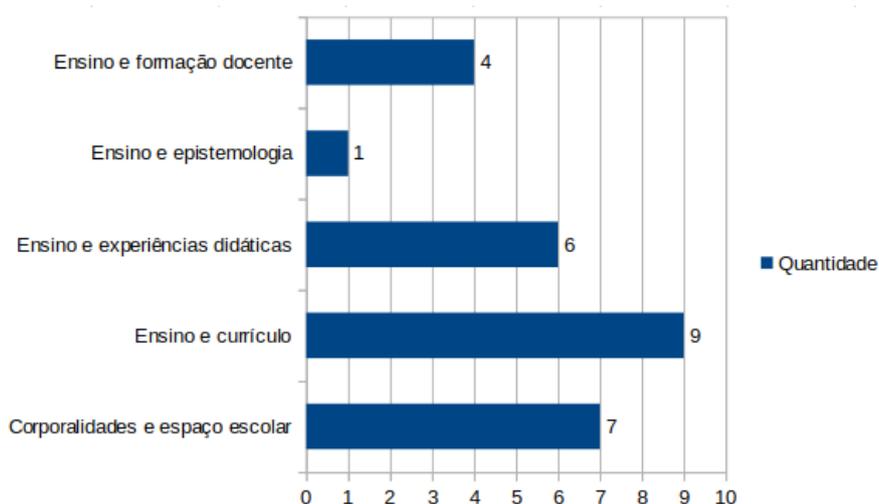


Figura 04: Temáticas abordadas nos artigos de ensino de geografia e sua relação com gênero e sexualidade. **Fonte:** Observatório da Geografia Brasileira, 2021. **Organização:** Própria.

No que tange as temáticas abordadas, os dois componentes centrais da maioria dos trabalhos, presente em mais de 50% dos artigos, dizem respeito a discussão sobre ensino e o currículo, bem como corporalidades inseridas nas questões de gênero e das sexualidades e espaços escolar. A exemplo de artigos que analisavam livros didáticos e as dimensões corpóreas em espaços educacionais em distintos níveis, em especial no ensino fundamental.

Temas como experiências didáticas a partir do gênero e da sexualidade figuraram com 6 artigos, enquanto a preocupação com a formação docente esteve presente em 4 artigos, e a relação do ensino e da sua epistemologia esteve presente em apenas 1 artigo. Deste modo, identificamos uma concentração da discussão que negligencia a centralidade da formação docente como fundamento mortífera da discussão de gênero e sexualidade no ensino geográfico.

Por fim, ao pensarmos na corporeidade das pessoas que produzem tais artigos, temos a figura 05, que demonstra a divisão de gênero da primeira autoria.

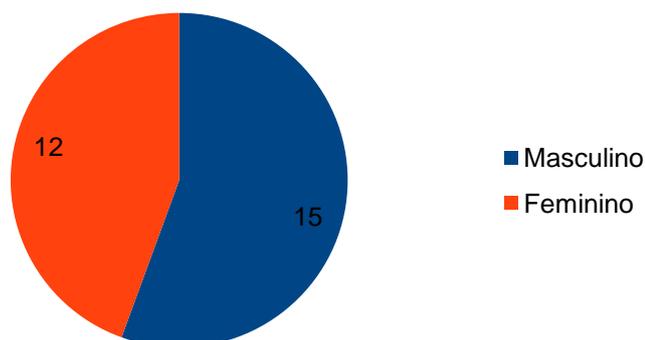


Figura 05: Divisão por gênero da primeira autoria dos artigos de ensino de geografia e sua relação com gênero e sexualidade. **Fonte:** Observatório da Geografia Brasileira, 2021. **Organização:** Própria.

Há certo equilíbrio generificado das autorias, sendo 15 homens e 12 mulheres. Tal resultado representa uma quebra de imaginários clássicos, que pontuam que discussão de gênero e sexualidade, bem como o ensino em si, são temas ligados em especial às mulheres. Ainda que se trate de um microcosmo dentro de um campo (Bourdieu, 2002; 2003), observamos que temáticas geográficas corporificadas representam rupturas de imaginários do que diz respeito a sua concepção e prática.

Vale ressaltar que esta pesquisa bibliométrica foi sumária e direta, podendo perder nuances que repercutem tanto em termos de quantidade de possíveis artigos cujos descritores elencados não estavam no título e poderiam versar sobre a temática; seja em termos qualitativos: discussões que atravessam o temário de outras maneiras e por outros termos. Além de outros aspectos que uma pesquisa desagregada mais fina pode revelar, o que não refutaria a conclusão principal da pesquisa bibliométrica realizada. Não se pode esquecer que “avaliar a produção científica é uma tarefa muito complexa e ainda não existe uma medida simples e objetiva para embasar essa avaliação” (Droescher; Silva, 2014, p. 185).

Outros aspectos seria entender a contextualidade da emergência em Geografia no Brasil e o crescimento do campo aferido, mas isto implicaria outro artigo e outro foco. Há uma lacuna no que tange a produção científica sobre ensino de geografia e as questões de gênero e sexualidades. As próximas seções apresentam experiências práticas-teórico-pedagógicas, no enfrentamento – ainda que incipiente – da lacuna apontada.

Imersão de gênero e sexualidade no ensino com futuros docentes da geografia

Na educação continuada, a dinâmica do estágio em docência permite que pós-graduandos/as atuem ao lado de docentes em disciplinas da graduação que se assemelhem a linha de pesquisa da/do estudante. Assim inicia o processo de aprendizado do/a pesquisador/a em questão na disciplina de Seminário de Atualização no IFPA, Campus Belém (ministrada por Wallace Pantoja). A disciplina em questão pretende promover debates teóricos e metodológicos que a turma não pôde ter acesso ao longo do curso, tendo aí a possibilidade de discussão de conteúdos como decolonialidade, gênero, cultura, dentre outros, em um espaço propício para dinâmicas pedagógicas outras na formação de futuros docentes de Geografia.

Já é uma constatação que o debate explícito sobre Geografia, Gênero e Sexualidades na formação de professores não esteja presente em nenhuma disciplina específica e, uma observação breve no documento norteador da Licenciatura em Geografia (PPC de Geografia IFPA, 2021), mesmo datando de 2021, os ementários mais voltados para o trabalho escolar pouco tocam na possibilidade de refletir sobre tais questões.

Nos foi possibilitado a inserção da temática de gênero e sexualidades no ensino, promovendo debates intensos na turma a partir de aula expositiva-dialógica e estratégias pedagógicas que incentivassem as/os graduandas/os outras visões dos seus objetos de estudo e, também, de

como podem ser profissionais mais sensíveis às problemáticas pelos quais seus futuros/as alunos/as poderão passar. Nasce assim como resultado as discussões elencadas neste trabalho ao observar e interpretar como a ausência, ou uma presença precária, do gênero e da sexualidade como uma base do ensino de Geografia pode afetar graduandas/os e docentes no ensino básico e superior.

Ao propor o debate, observamos o interesse da turma em participar dos diálogos que emergiam ao revelar dinâmicas adoecedoras entre as/os graduandas/os, principalmente por permitirem-se ouvir falas densas do então estagiário na disciplina (Pedro Israel Pinto), provocativo e insistente em trazer seu estudo para a sala da graduação, conseguiu ter a liberdade de poder ser ouvido e então conciliar a pesquisa com a realidade da formação docente que não incluiu debates importantes para o contexto da sala de aula, já como profissional da educação. Como aponta a fala da graduanda:

A oportunidade de discutir em sala sobre temáticas tão importantes é muito significativa, pois ao longo da graduação poucos foram os momentos em que isso foi oportunizado, então saber que existem profissionais preocupados com essas demandas e como estas serão abordadas no ensino básico é muito importante. E nos faz querer, enquanto docentes em formação, também ser profissionais que não fugirão dessas questões, mas sim discutirão questões de gênero e sexualidade com maior comprometimento e responsabilidade (Graduanda, mulher cis, heterossexual, 22 anos de idade, entrevista realizada em: 07 de dezembro de tal 2022).

A graduanda explicita a impressão de 70% da turma que respondeu ao formulário que não se sente preparada para lidar com o temário no ensino básico. Corroborando com os 80% que afirmam nunca ter tido uma aula na qual tais assuntos fossem pautados como uma forma de ensinar (não apenas como tema, mas como possibilidade teórico-metodológica). Ressalta-se que, como apontam os estudos de Gabriel Souza (2021), promover a discussão das sexualidades e do gênero são recomendações do próprio Estado, no que tange aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

O ensino de geografia é potencializado pela abordagem de gênero e sexualidade, visto a sua abrangência nas reflexões acerca das “intolerâncias baseadas na desigual ocupação e utilização dos espaços” (Souza, 2021, p. 1507). Isto é, ao serem questionados sobre a relação do ensino de geografia a partir dessa abordagem, obtivemos as seguintes reflexões:

Acredito que seja indispensável a abordagem do tema na educação, uma vez que os aspectos de gênero e sexualidade permeiam a sociedade e podem se relacionar transversalmente em áreas da geografia por afetaram, em diferentes escalas, os sujeitos.

Quando tratamos de mercado de trabalho e violência, por exemplo, é fundamental que gênero e sexualidade seja pelo menos levado em conta como um fator que impacta nesses assuntos (Graduanda, mulher cis, bissexual, 22 anos de idade, entrevista realizada em: 07 de dezembro de 2022).

É importante trabalhar essa temática no ensino de geografia, haja vista que por meio da transversalidade consegue se passear por conteúdos da geografia fazendo com que o aluno percebesse o quanto o corpo dele forma esses espaços de debates dentro de sala, uma vez que precisa falar sobre gênero, sexualidade em sala de aula unido a conteúdos da geografia, e formando cidadãos críticos em sua sociedade. (Graduando, homem cis, gay, 24 anos de idade, entrevista realizada em: 07 de dezembro de 2022).

A despeito da percepção como “temática” e não campo teórico-metodológico; bem como da ênfase da relação mercado de trabalho e saber – que demonstra como parte da agenda de desigualdade de gênero/sexualidade pode ser apropriada sem uma concepção ética e subversiva de base, algo já denunciado por Silvia Federici (2019) na domesticação da agenda feminista encampada pela ONU – os graduandos revelam uma necessidade de primeira ordem no tratamento das questões como parte de seu percurso formativo.

Por assim dizer, o ensino crítico de geografia, em especial o que se atenha as dimensões encarnadas, visa dar instrumentos aos graduandos para que compreendam a sua e as distintas realidades socioespaciais, os entendendo também como transformadores do espaço geográfico (Souza, 2021, p. 1507).

Gabriel Souza (2021) enfatiza que há uma responsabilidade docente na transformação do espaço escolar, visto ser um espaço para todas as pessoas. Tal pressuposto nos leva a refletir sobre a real função social da universidade no preparo de docentes para o universo da educação, onde se estabelecem relações diversas de uma cultura construída por múltiplos indivíduos e herdadas por representações sociogeográficas marcadas por binarismos, moralismos e universalismos pouco atinentes a experiência concreta dos do corpos em sua carnalidade hodierna.

Possibilitar esse debate revela a vulnerabilidade social que posiciona sujeitos e comunidades em condições difíceis de sobrevivência, por conta da desigualdade econômica e pelos marcadores nocivos de gênero e sexualidade, imputando-os complexidades em suas trajetórias de vida (Seffner, 2021). Em diálogo com Camila Nunes (2014), em sua tese intitulada “Geografias do corpo: Por uma geografia da diferença”, a autora indica que pensar no currículo, independentemente do nível, é também proporcionar refletir sobre as relações de poder que organizam o sistema explicativo e educacional.

A autora ainda é enfática ao dizer que a aprendizagem, seja enquanto estudante ou docente, tendo em vista a dimensão dialética, é uma ação corporificada e se dá diretamente com

a experiência, sendo o ensino a relação entre quem observa e é observado. Porém, como observar o “corpo ausente” no ato de ensinar? O corpo negado ou inexistido no ensino de geografia? A base disciplinar (e científica) de nossa ciência foi adestrada a ver um tipo de *homem médio estatístico* que atravessa não só os estudos amostrais, mas também se converte em um *sujeito comum* no plano educativo. Uma geografia que desde a ciência ritualiza ausências cujo incômodo e dificuldades de elaborar e relacionar reitera um ritual de normalização difícil de ser rompido.

Se pensar pode ser entendido além da capacidade de raciocinar, calcular e argumentar, cabe ao ensino de geografia, em diferentes níveis, oportunizar a instituição de sentido ao que se é experimentado, apresentando então uma educação geográfica corporificada. Lembrando a multiplicidade de abordagens generificadas e sexualizadas que a geografia, em sua dimensão espacial, pode proporcionar, tendo em vista que todas as experiências ocorrem em um espaço, logo, o imaginário espacial experienciado por diferentes/múltiplos sujeitos se converte em potencialidade a ser trabalhada e um princípio ético cardeal.

Concordamos com Ruan Faria e Alex Ratts (2017) ao dizerem que devemos nos ater a uma aprendizagem e a um ensino crítico de geografia no que diz respeito as questões de gênero e sexualidade, pois tais aspectos já fazem parte do componente curricular e da formação docente, contudo, são apresentadas com viés tradicional que almeja um espaço e uma sociedade normalizada e disciplinada, em especial no “ajustamento heteronormativo de corpos, identidades e sexualidades (Faria; Ratts, 2017, p. 248).

Jornal do Futuro, por uma geografia do hoje!

Apresentamos alguns resultados a partir de uma metodologia ativa vivida em sala de aula com as e os/as estudantes de Licenciatura em Geografia do 8º e último semestre, IFPA, Campus Belém.

A metodologia utilizada para provocar as/os graduandas/os enquanto formuladores do ensino e projetando um futuro mais positivo, os levou a construção de uma espécie de “Jornal do Futuro” que concerne de uma manchete noticiando algo de idealização do horizonte por vir, com base em ações construídas ao longo de dez anos. Dentre os produtos construídos, observa-se a versatilidade de temas transversas proposto pelo debate entre corpo e ensino de Geografia

figura 06), e posteriormente sendo apresentados dois resultados, dos produtos para a nossa reflexão (figuras 07 e 08).

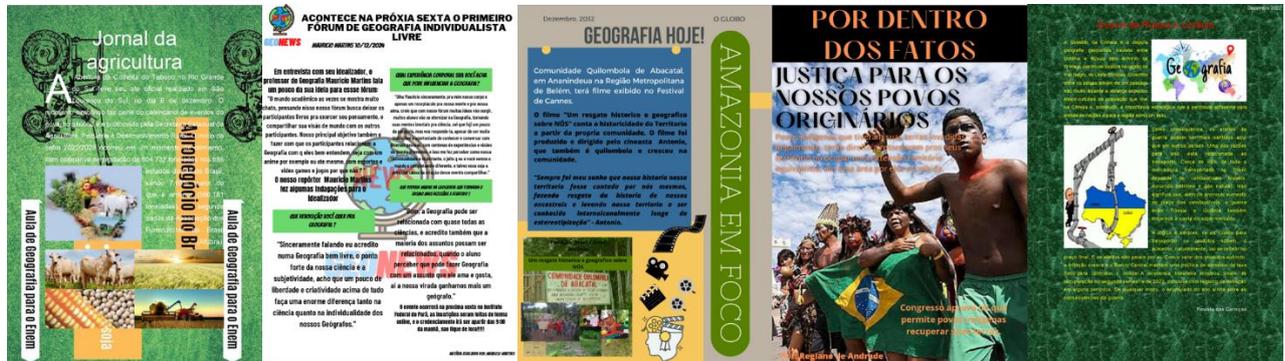


Figura 06: Produtos da Oficina “Jornal do Futuro, por uma geografia do hoje!” **Fonte:** Aula de Metodologia e Abordagem de Gênero no Ensino de Geografia, 2022. **Organização:** Própria.



VIVA! CORPOS POLÍTICOS FEMININOS CADA VEZ MAIS EM DESTAQUE!

Os corpos femininos reconhecidos são uma vitória crescente no meio geográfico e uma vitória dupla pelo seu reconhecimento efetivo como agente capaz de ocupar espaços em que perpassa durante a sua vida. A revolução está no ato de enfim, reconhecer seu próprio corpo como um elemento geográfico, como um agente ativo socialmente, que não só pode, mas como deve ocupar um espaço, tomar para si aquele território, mas também ser o produtor de novos espaços.

Continuemos então e sempre, a trazer o corpo feminino dotado de um poder verdadeiramente ativo na sociedade, sendo este fundamental, já que diariamente ocorre a formação de jovens mulheres, então, que seja sempre levado a percepção deste corpo em todas as esferas da vida, já que este corpo faz parte de algo ainda maior, seja ele produtor de algo, do ensino, como claramente da geografia urbana, para que isso de fato, dê liberdade!

Professora Gabriela Cardias - Licenciatura em Geografia.

Figura 07: Jornal do Futuro, por uma geografia do hoje! **Fonte:** Aula de Metodologia e Abordagem de Gênero no Ensino de Geografia, 2022. **Organização:** Própria.

As graduandas produziram o Jornal do Futuro de acordo com as suas ânsias, atravessadas diretamente pelos marcadores de gênero, a partir de sua condição de mulher. Temos a imagética da valorização do corpo feminino como uma territorialidade, proporcionando o reconhecimento da mulher como construtora do espaço, produzindo novos espaços, com liberdade e naturalidade. Fator este interessante visto ser também o motivo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso das graduandas, visando a espacialidade do medo do corpo feminino no espaço institucional vivido.

Além do mais, nas linhas textuais a configuração desse sujeito enquanto objeto formativo na qual todos os corpos tenham a sua oportunidade de existir e de possibilitar construções sociais através das suas existências, visto que, como a graduanda expõe na sua manchete, “sendo este corpo fundamental, já que diariamente ocorre a formação de jovens mulheres, então, que seja sempre levado à percepção desse corpo em todas as esferas da vida”. Trazendo a perspectiva da ânsia por um futuro menos violento.

Em relação as questões de sexualidades, este trabalho também apresenta a vontade de se conhecer e desenvolver tais temáticas enquanto estudantes e, quando o caso, futuramente quando docentes. Em uma pesquisa feita no ensino fundamental II e no ensino médio, João Mujica e Monique Inocêncio (2020), apresentam após o desenvolvimento de oficinas em disciplinas de geografia, o engajamento com as temáticas, indicando que poucas/os estudantes não se sentiram à vontade para a participação. E mesmo assim é preciso investigar as razões de se sentir “pouco à vontade”, não raro, muito mais por um *status* de proibição absoluta do diálogo informado sobre questões de gênero do que qualquer outra condição.

Já na figura 08, apresentamos outra vivência de corpos também marginalizados e pouco trabalhados pela Geografia, sendo estes dissidentes a partir em especial do rompimento com a cisgeneridade e heteronormatividade.



Figura 08: Jornal do Futuro. Geografia hoje! **Fonte:** Aula de Metodologia e Abordagem de Gênero no Ensino de Geografia, 2022. **Organização:** Própria.

O corpo de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras também emergem nos produtos das/dos graduandas/os, como expressado na figura 07, onde podemos interpretar conforme o corpo textual, visando a erradicação total da violência contra esta comunidade, expressando o sentimento de medo que ainda perpassam, visto que as manchetes são para um longínquo futuro.

“Mortes de pessoas LGBTQIA+? Isto ficou no passado”, anuncia mais que um desejo, um sonho. Notem que o texto que acompanha a manchete repercute aspectos do cotidiano e da singeleza de ser-si-mesmo. Uma utopia que é geográfica, no sentido de construção de um espaço de convivência da diferença, onde atos básicos de expressão de carinho não significariam estar no fio da navalha da existência. Além disso, a ideia de que as adoções não hetero-binárias ultrapassariam as heteros, implica uma paisagem onírica que é reveladora da vontade de se reconhecer nos lugares de afeto e construção familiar não estritamente pautadas no “sangue e na genética”, mas na empatia e no afeto da diversidade/diferencialidade.

Além disso, para Gabriel Souza (2021), abordar gênero e sexualidades no ensino é tratar acerca da reprodução de violências, comportamentos sexuais e orientação sexual. É lidar com a compreensão e respeito ao corpo do indivíduo e o corpo do outro, como esboçado na manchete “hoje podemos expressar o nosso amor, sair de mãos dadas pelas ruas sem sofrer nenhuma discriminação ou agressão”.

Ou seja, a espacialidade para pessoas LGBTQIAP+ são moldadas pela forma como se comportam diante a sociedade, o medo de como andar, de como se expressar, ainda são motivos de tensão do trânsito entre espaços seguros e não seguros. Na imagética, observa-se a esperança de um graduando no que concerne a formação de uma educação que contribua à realidade expressa nesse Jornal do Futuro.

A violência pela qual perpassam corpos LGBTQIAP + ainda é intensa, sobretudo no ensino, visto todos os sufocamentos que sofrem assuntos relacionados as sexualidades, e essas limitações provocam cotidianamente a exclusão, limitação e separação, os fazendo condensar-se em geograficidades marginalizadas socialmente, a exemplo do trecho a seguir:

Posso citar o conteúdo de migração, porque não citar uma migração das pessoas LGBTQIAP+ que saiam de sua cidade natal para os centros de urbanos, em busca que melhores condições de vida ou até mesmo a solução de não conviver com o preconceito

que é ser uma pessoa LGBTQI na sua família. Então, como profissional da educação é importante se de trabalhar essas temáticas, haja vista que ainda têm resistência ao falar de gênero, sexualidade em sala de aula (Graduando, homem cis, gay, 24 anos de idade, entrevista realizada em: 07 de dezembro de 2022).

Em Gabriel Souza (2021), compreendemos que a “heterossexualidade é imposta como a única faceta normal de orientação sexual” (p. 1504). Ditando a ‘harmonização’ de espaços, localizando indivíduos geograficamente de acordo com a performatividade de gênero e expressão de sexualidade, como apontam Sara Ahmed (2006) e Judith Butler (2018). Colocando à prova o próprio conceito de cidadania, visto que somente um gênero e uma sexualidade têm o direito da liberdade, da existência e da construção de normas (SOUZA, 2021).

De acordo com Nelson Rego e Camila Nunes (2011), o corpo é o nosso primeiro campo problemático, sendo também uma escala geográfica fundamental. É no e através do corpo que as sensações de existência em um dado espaço são primeiramente refletidas. Isto é, o corpo como ponto de partida, que está inserido no contexto e também faz parte do processo construtivo (Rodrigues; Silva, 2018), que é social e espacial.

Compreendemos que o corpo das/os futuras/os docentes também é essencial para a formação profissional, sobretudo sendo este um profissional da educação que, ao adentrar a sala de aula, irá compor um cenário com outros distintos corpos, moldando a realidade a partir das vivências e experiências que lhe são possíveis. E poderão se espacializar conforme as tensões que lhe foram atribuídas (Ahmed, 2006), mediante o gênero e a sexualidade que também são impostas desde o nascimento, e toda quebra desse padrão ocasiona a ruptura que pode desencadear desastres em cada corpo presente em sala, caso não tratados com cautela e com referências à outras existências para além do padrão heteronormativo.

Uma educação que prepare para a instabilidade do mundo se torna fundamental. Aprender sobre si e a partir de si para tentar entender o mundo. Pensar pela paixão, seduzir-se pela descoberta e se redescobrir perante ela. Interrogar, questionar, duvidar e partir, mesmo sem saber o que irá encontrar (Rego; Nunes, 2011, p. 98).

Joseli Silva, *et al* (2023) aponta que o debate corporificado na geografia já apresenta uma certa trajetória, em especial no que diz respeito as críticas a uma geografia descorporificada, bem como o seu ensino, além da emergência do entendimento do corpo como um espaço geográfico. A autora nos convida a refletir sobre a hierarquia acadêmica, desde suas abordagens

científicas e pedagógicas, o que por sua vez reflete nas teorias, conceitos, métodos, metodologias e didáticas ao qual temos – ou não – acesso.

Como já apontado, é necessário que nossa inserção “marginal” no debate geográfico não seja simples inserção de temas, mas possibilite crítica e complexifique a capacidade geográfica de interpretar, ser e estar no mundo. Cíntia Silva e Lorena Souza (2022) sentenciam que é fundamental enfrentar o debate geográfico que fala de sujeitas/os, mas que não são corporificados.

Para as geógrafas, falar de raça, gênero e outras dissidências encarnadas, não torna a argumentação corporificada, tendo em vista que para isso é necessária uma intencionalidade, que por sua vez afeta nossa teoria e metodologia, indo na contramão da pesquisa e ensino que se apresentam enquanto objetivo, neutro e racionalista padronizante.

Na mesma linha de raciocínio, o geógrafo Victor Pequeno (2023) aponta que a geografia possui uma forte tradição de descorporificar seu debate, ainda que seus sub-campos almejem um debate encarnado, a ausência e dificuldade de acesso no ensino e na produção geográfica ao debate corporificado, acaba sendo reproduzida, pois não basta a intencionalidade, é necessário que pensemos em nossa prática, não apenas em nossa teoria. E enfatizamos mais: prática é inseparável de teoria, se há uma fratura tornamos a teoria um abstracionismo amorfo e a prática um pragmatismo caduco.

Se faz pertinente refletir sobre um corpo como construtor do espaço e formador de profissionais mais sensíveis aos indivíduos, ao compreender as instituições de ensino superior como um espaço do saber que reflete a realidade da diversidade, e como essa diversidade de corpos podem e devem dialogar com a interpretação e compreensão do sujeito na promoção do espaço, do lugar, do território (Augusto; *et al*, 2019).

Richard Miskilci (2016), explicita a maioria das juventudes, por compreender a necessidade da aceitação pela sobrevivência, acabam por se deixar moldar pelos direcionamentos educacionais, que são por conteúdo, normas violentas. Desse modo, para indivíduos que não se enquadram nos padrões sociais, estar sempre à margem da sobrevivência, do medo, da atenção constante, não permite que certos elementos – que para grupos majoritários são simples – sejam, de fato, simples.

Em outras palavras, em sala de aula o processo de aprendizagem pode ser composto por outros elementos da realidade das/dos graduandas/os para sua percepção geográfica como sujeitos que também podem contribuir de forma saudável no desenvolvimento do ensino básico, em especial no que tange as questões corporificadas.

O campo científico e a formação docente são duas das formas mais poderosas de produção de ‘verdades’ para manutenção de características que punem e normatizam os corpos que passam por todos os níveis educacionais, do infantil ao superior, e em diferentes posições, seja enquanto estudantes ou docentes. Com isso, queremos dizer que há uma ideologia de poder e do saber a partir da ótica ocidental que opera na forma que ensinamos, aprendemos e divulgamos a ciência (Borja; Pereira, 2018), a educação e, em especial, a Geografia.

Deste modo, reconhecemos que há um amplo campo na educação geográfica para buscar compreender a maneira com que as dimensões de gênero e das sexualidades são apresentadas ao ensino de geografia, tendo em vista que são dimensões que atravessam as instituições e as pessoas envolvidas em todo o processo formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ousa discutir um assunto caro tanto pela escassez do debate quanto pelos atravessamentos políticos, sociais e pessoais que hoje ocorrem ao trabalhar o gênero e as sexualidades, especificadamente no ensino. Entretanto, reconhecemos a impossibilidade de desvincular e ignorar essas esferas, pois sua ausência gerou lacunas significativas nos posicionamentos e nas localizações geográficas que nos foram atribuídas, assim como nas experiências dos sujeitos que nos auxiliaram. Muitas vezes, essa falta de diálogo se deve à incompreensão da nossa própria existência, bem como à deles, em relação ao contexto espacial vivido.

As ações traçadas em sala com graduandas/os, futuros e futuras profissionais da educação básica através da ciência Geográfica, expôs a escassez de experiências teórico-metodológicas e o não preparo desses estudantes para a sala de aula ao se tratar das abordagens de gênero e sexualidades. Entretanto, nos discursos deles próprios, percebemos a emergência do debate visto ser uma realidade que permeia e atravessa diretamente boa parte desse corpo discente que vivencia os contextos socioeducativos, além dos/das próprios/as serem alvo de padronização e sufocamento da transgressão de gênero, muitas mulheres e homens gays em formação, sem que

sua experiência *geoencarnada* seja fenômeno de estudo, abordagem de ensino e metodologia de educação.

Notamos que há uma fratura entre, por um lado, a vontade coletiva de graduadas/os em se apropriar deste campo não apenas como tema, mas como eixo teórico-metodológico transversal ao trabalho docente e, por outro lado, a intencionalidade dos currículos normalizados que impede a fruição de uma Geografia Encarnada via Gênero/Sexualidades, capaz de ser um campo de mobilização político-educativa e questionamento frontal de padrões de ensino-aprendizagem adoecedores de corpos dissidentes – e mesmo de corpos percebidos como enquadrados no binarismo padrão.

Soma-se a isto a potência criativa, questionadora, horizontal e festiva própria a uma metodologia de gênero/sexualidades que rompa com a sisudez asséptica e empobrecida que, não raro, impera no ensino superior da Geografia Amazônica Paraense. E, junto a esta potência criativa, a proposição de encarnarmos futuros possíveis, exercícios e práticas metodológicas que, a despeito de sua simplicidade, abrem expectativas e enfocam enfrentamentos que são, ao mesmo tempo, objetivos e subjetivos, pessoais e sociais, profissionais e individuais, via práticas metodológicas que não estabeleçam, de pronto, as regras de construção/criação educativo-geográfica.

Desta forma, finalizamos evidenciando a demanda e aceitação que há no conhecimento e na aplicação de uma geografia encarnada, aqui em especial a partir das perspectivas de gênero e de sexualidades. Ressaltamos também que tal ensino e saber encarnado parte não apenas de nossas visões de mundo e correlatos teóricos, mas de nossa ética em prática como ações transformadoras – ainda que pontuais e miúdas, provocam ressonâncias e amplificações coletivas sensíveis – da realidade via educação e ciência.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Renato; *et al.* A função social da universidade e a formação docente em geografia: o estágio supervisionado como extensão. **Anais do 14 Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 4251 - 4260, 2019.

AHMED, Sara. **Queer phenomenology: orientations, objects, others**. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.

BORJA, Maria; Pereira, Cleifson. As leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08: reflexões a partir do pensamento crítico acerca da colonialidade do saber. **Revista Cenas Educacionais**, v. 1, n. 1, p. 242 – 270, 2018.

BORTOLINI, Alexandre. **Pode falar de gênero na escola?** In.: PINHEIRO, Diógenes; REIS, Cláudia (Orgs.). **Quando LGBTQs invadem a escola e o mundo do trabalho**. 2 Editora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. (Org.). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 59 – 73, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d’água, p. 39 – 72, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CESAR, Tamires; PINTO, Vagner. A produção intelectual da geografia brasileira entorno das temáticas de gênero e sexualidades: uma visão a partir dos periódicos online. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 119 – 132, 2015.

DROESCHER, Fernanda Dias; SILVA, Edna Lúcia da. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas Em Ciência Da Informação**, v. 19, n. 1, 170–189, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Não nasci rodeada de livros, mas de palavras, através da literatura oral**. Entrevista. Jornal El país. Paraty. 03 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.el-pais.com/brasil/2017/07/29/cultura/1501282581_629505.html. Acesso em: 23 jan. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Conferência de abertura do XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os: Negras Escrevivências**. 2020. Curitiba – Paraná. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=biBn732c15E&ab_channel=ABPN. Acesso em: junho de 2021.

FARIA, Ruan; RATTS, Alex. Estudo das disciplinas sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores e professoras de geografia. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 242 - 262, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1984.

MERLEAU-PONTY, **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MOREIRA, Carlos. **Geografias QUEER e Currículo: por uma educação geográfica fora do armário!**. 2020.

MISKILCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. rev. e ampl., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

MUJICA, João; INOCÊNCIO, Monique. Aplicação de oficina de sexualidade e geografia com alunos de ensino fundamental e médio na E.E.B. Getúlio Vargas em Florianópolis, SC. **PESQUISAR – Revista de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia**, v. 7, n. 13, p. 101 – 113, 2020.

NUNES, Camila. **Geografias do corpo: por uma geografia da diferença**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. 261f.

IFPA, **Projeto Político de Curso – Licenciatura em Geografia**, Campus Belém, 2021. Disponível em: https://sigaa.ifpa.edu.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?lc=pt_BR&id=30582, acesso em 22.10.2023.

PINTO, Pedro. SEXUALIDADES, (IN)JUSTIÇAS ESPACIAIS E VIOLÊNCIA URBANA NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DOS CRIMES VIOLENTOS LETAIS INTENCIONAIS NO BAIRRO DA TERRA FIRME (BELÉM/PA). In: **Anais do XI Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico**. Anais. Salvador (BA) UCSal, 2022. Disponível em: <[https://www.even3.com.br/anais/xicbdu2022/478432-SEXUALIDADES-\(IN\)JUSTICAS-ESPACIAIS-E-VIOLENCIA-URBANA-NA-AMAZONIA--UMA-ANALISE-DOS-CRIMES-VIOLENTOS-LETAIS-INTE](https://www.even3.com.br/anais/xicbdu2022/478432-SEXUALIDADES-(IN)JUSTICAS-ESPACIAIS-E-VIOLENCIA-URBANA-NA-AMAZONIA--UMA-ANALISE-DOS-CRIMES-VIOLENTOS-LETAIS-INTE)>. Acesso em: 20/09/2022

REGO, Nelson; NUNES, Camila Xavier. As geografias do corpo e a educação (do) sensível no ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 1, p. 86-107, 2011.

RODRIGUES, Ana; SILVA, Rairan. Geografia, paisagem e corpo: o corpo enquanto parte do processo de ressignificação do ensino da geografia. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 293-303, 2018.

SANTOS, Cristina; PIMENTA, Cibele; NOBRE, Moacyr. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, p. 508-511, 2007.

SEFFNER, Fernando. É raro, mas acontece muito: aproximações entre ensino de História e questões em gênero e sexualidade. ANDRADE, Juliana; PEREIRA, Nilton (Orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa** [recurso eletrônico]. 2. ed. Porto Alegre: Oikos, 2021. p. 422 - 437, 2021.

SILVA, Cíntia; SOUZA, Lorena. Geografia e a perspectiva interseccional de gênero e raça: corporeidade e espaços que produzem o campo científico. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 125 – 148, 2022.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria: **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 55 – 92.

SILVA, Joseli; et al. Apresentação das jornadas sobre corpos na geografia brasileira: Trilhas equivocadas, rumos encontrados e nossas perpétuas provocações. In: SILVA, Joseli; ORNAT,

Marcio; CHIMIN JUNIOR, Alides (Orgs). **Corpos e Geografias: Expressões e espaços encarnados**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, p. 17 – 42, 2023.

SOUZA, Gabriel. Ensino de Geografia nas questões de gênero e sexualidade/orientação sexual- Escola Padre José Theisen. **Diversitas Journal**, v. 6, n. 1, p. 1499-1518, 2021.

PEQUENO, Victor. Corpo: uma categoria útil para a Geografia?. **Boletim Alfenense de Geografia**. v. 3, n. 5, p. 18 - 41, 2023.